

## A música acontece: relatos de experiências com música para cinema na escola de educação infantil

Music happens: experiences with music and cinema at the early childhood school

Mônica Araújo da Silva<sup>1</sup>  
Wenceslao Machado de Oliveira Jr<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo tem como objetivo aproveitar as experiências dos autores com música e cinema na escola de Educação Infantil e perceber nelas o que pode vir a ser música para cinema. Há vivências que aconteceram sem intervenção ou planejamento, assim como outras que foram pensadas e planejadas. Apresentando a potência das narrativas docentes para as investigações sobre a formação de professores, o texto tem como matéria-prima principal quatro relatos da educadora-autora sobre suas primeiras experimentações com a criação de música para pequenos filmes produzidos na Educação Infantil. Esses relatos foram realizados no projeto de extensão e pesquisa *Lugar-escola e Cinema*, situado no *Cineclube Regente/Cha* e no *Programa Cinema e Educação*, da Prefeitura Municipal de Campinas. Ao manter os relatos (quase) na íntegra, garante-se o frescor, a simplicidade e a singularidade de cada uma das vivências autobiográficas relatadas logo após terem ocorrido, com maior proximidade do percurso de aprendizado docente operado pelos problemas colocados da música para o cinema e do cinema para a música na escola de Educação Infantil. O texto analisa os modos de envolvimento das crianças pequenas nesses processos de criação, tendo como mote a pergunta: o que seria música para cinema numa escola de Educação Infantil?

**Palavras-chave:** Educação infantil. Cinema. Música Formação de professores.

### ABSTRACT

The article aims to take advantage of our experiences with music and cinema at the early childhood education school and to understand in them what can be music for cinema. Experiences that happened without intervention or planning, as well as others that were thought and planned. Presenting the potency of teaching narratives for research on teacher education, the main raw material of the text is four reports by the educator-author about her first experiments with the creation of music for short films produced in

---

<sup>1</sup> Agente de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó. Possui graduação em Pedagogia, Pós-Graduada em Ensino de Música e Artes e capacitação em Música, Recreação e Artes na Educação. Integrante do Cineclube Regente/Cha desde 2019 e bolsista do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2019/18902-7]. E-mail: [monicaatualizacao@gmail.com](mailto:monicaatualizacao@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e pesquisador no Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, ambos da Faculdade de Educação/Unicamp. Coordenador do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2018/09258-4]. E-mail: [wences@unicamp.br](mailto:wences@unicamp.br)

early childhood education. These reports were made in the extension and research project *Place-school and Cinema*, located in the *Cineclub Regente/Cha* and in the *Cinema and Education Program*, of the Municipality of Campinas, Brazil. By keeping the reports (almost) in full, the freshness, simplicity and uniqueness of each of the autobiographical experiences reported are maintained right after they have occurred, with greater proximity to the teaching learning path operated by the problems posed by music for cinema and from cinema to music in the early childhood school. The text analyzes the ways in which young children are involved in these creative processes, with the motto of the question: what would be music for cinema in early children's school?

**Key-words:** Child education. Cinema. Music. Teacher training

*A gente não sabe o que tá fazendo [...] é tudo muito feito assim: aprender fazer fazendo.*

Professora Lídia Lemos  
em *Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema* (2015)

## Introdução

A epígrafe que abre este texto busca fazer soprar sobre nós, docentes autora e autor, os ventos que vêm movimentando faz já alguns anos as relações entre escola e cinema, por meio das narrativas de professoras e professores. Os relatos e as reflexões que seguem se juntam a elas, acompanhando uma brisa leve e inusitada, movida não pelas imagens, mas pelos sons e músicas que emergem no encontro entre cinema e duas escolas públicas de Educação Infantil, *CEI Regente Feijó* e *CEI Cha Il Sun*<sup>3</sup>, situadas na periferia da cidade de Campinas.

Este artigo tem como objetivo aproveitar nossas vivências em música na escola e perceber nelas o que pode ser cinema e o que pode ser música para cinema, por meio das narrativas de uma educadora. Relatamos situações que aconteceram sem intervenção ou planejamento, assim como outras que foram pensadas e planejadas. Talvez devêssemos dizer, logo de partida, que, quando nos surge uma ideia para planejar, ela partiu de algo que vimos nas crianças e nos despertou para ir além. Em outras palavras, podemos dizer que pensamento e planejamento emergem das experiências com as crianças na escola.

Uma vez que este texto emerge de experiências vividas por uma profissional da Educação Infantil, ele traça um percurso autobiográfico da aproximação inicial dela com as “coisas do cinema”, ao mesmo tempo que tece algumas linhas na aproximação do cinema das “coisas da escola de Educação Infantil”. Dessa forma, optamos por construir

---

<sup>3</sup> Conforme acordado entre as partes, as escolas são citadas nominalmente em todas as publicações oriundas do projeto de pesquisa e extensão *Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas*, que se desenvolve com o Cineclub Regente/Cha.

o texto a partir de alguns dos escritos<sup>4</sup> já existentes, mantendo-os (quase) na íntegra para que não percamos o frescor, a simplicidade e a singularidade de cada uma das vivências autobiográficas relatadas logo após terem ocorrido pela educadora e autora<sup>5</sup> deste artigo. Cabe dizer que esses escritos emergiram em um contexto de pesquisa, fazendo com que a presença do autor acadêmico esteja em sintonia com o que aponta Suárez (2017, p. 200), de que

as narrativas de professores que vivem a experiência de documentar seus mundos escolares não ocorrem de forma espontânea, nem são concebidas por meio da escrita livre e desinteressada de educadores. Ao contrário, mesmo quando os participantes da documentação narrativa mostram desde o início a disposição de escrever, ler e publicar histórias autobiográficas, e conseguem escolher com autonomia os temas, estilos e modulações de suas narrativas, eles investigam o mundo escolar e elaboram seus textos pedagógicos em condições bastante específicas. Um dispositivo de pesquisa-formação-ação docente participativo, entre pares e em redes de colaboração, organiza e regula os tempos, espaços e recursos teóricos e metodológicos de produção, circulação e recepção de histórias. Esse dispositivo e a coordenação e assessoria permanente de uma equipe de pesquisadores universitários são os que garantem a adequação das práticas de escrita, leitura, comentário e conversação implantadas aos princípios e cuidados metodológicos da investigação narrativa e da pesquisa interpretativa. (tradução nossa<sup>6</sup>)

Esta montagem textual a partir de outros textos permite trazer o percurso de aprendizado docente operado pelos problemas colocados pelo cinema para a educadora há muito habituada aos desafios e potencialidades da música na escola de Educação Infantil, mas iniciante nos obstáculos e nas possibilidades do cinema nessa mesma escola. Problemas devem ser entendidos, na esteira de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), como aquilo que nos leva a pensar, que exige de nós o gesto e o esforço do pensamento, não necessariamente para solucioná-los, mas sim para inventar possibilidades de novas experiências a partir das exigências que a questão traça em alguma parcela de nossa vida, neste caso, na parcela docente.

---

<sup>4</sup> Uma das tarefas semanais dos bolsistas do *Projeto Lugar-escola e cinema* tem sido escrever um caderno de campo a partir de breves relatos individuais sobre as experiências com cinema vivenciadas naquela semana por cada um dos bolsistas.

<sup>5</sup> Para manter a individualidade de sua autoria, mantivemos a primeira pessoa do singular nos relatos aqui publicados, uma vez que escutar e ler a um(a) docente “[e]s un convite a detenerse y sumergirse en relatos en primera persona que narran experiencias escolares y que confiesan las sutiles percepciones de quienes las viven y cuentan.” (SUÁREZ, 2017, p. 195).

<sup>6</sup> “[...] las narrativas de los docentes que viven la experiencia de documentar sus mundos escolares no se producen de forma espontánea, ni son concebidos mediante la redacción libre y desinteresada de los educadores. Por el contrario, aun cuando los participantes de la documentación narrativa muestran desde el inicio su disposición para la escritura, lectura y publicación de relatos autobiográficos, y se manejan con autonomía para elegir los temas, estilos y modulaciones de sus narraciones, indagan el mundo escolar y elaboran sus textos pedagógicos en condiciones bastante específicas. Un dispositivo de investigación-formación-acción docente participativo, entre pares y en redes de colaboración, organiza y regula los tiempos, espacios y recursos teóricos y metodológicos para la producción, circulación y recepción de las historias. Este dispositivo y la coordinación y asesoramiento permanentes de un equipo de investigadores universitarios son los que garantizan la adecuación de los prácticas de escritura, lectura, comentario y conversación desplegadas a los principios y recaudos metodológicos de la indagación narrativa y la investigación interpretativa.”

Esses relatos também integram os outros profissionais da escola envolvidos nas experiências com cinema realizadas ali, evidenciando o quanto elas têm sido coletivas, em sintonia com a fala de Inês Teixeira no mesmo documentário do qual obtivemos a frase de epígrafe:

são inúmeros, como também são únicos os professores e professoras, e tanto quanto são coletivas, são individuais suas histórias; exemplos de histórias de professores e professoras que fizeram do cinema uma companhia em suas lidas no ofício de educar para construir uma escola mais bonita e mais feliz. (ENREDOS..., 2015).

Cabe dizer, portanto, que esses relatos são, a um só tempo, individuais e coletivos ao refletirem nossas conversas no *Cineclube Regente/Cha*<sup>7</sup> e no *Projeto Lugar-escola e cinema*<sup>8</sup>, não estando aqui em ordem cronológica, tendo sido agrupados a partir dos problemas comuns que relatam.

Dividimos o artigo em duas partes, “Relatos do que pode vir a ser música para cinema na escola de Educação Infantil” e “O que nos dizem esses quatro relatos sobre música para cinema?”. Finalizamos o texto com a seção “Considerações finais: o aprender fazendo a docência e a música para cinema”.

Porém, antes de seguirmos para os relatos e suas reverberações, é válido lembrar que a proposta curricular para o trabalho com música nas escolas da Rede Municipal de Campinas (CAMPINAS, 2016) é termos como norte o questionamento: “como a música educa?”. Isso não difere da expectativa que temos para as relações entre cinema e escola.

Mas, se, para a pergunta “como o cinema educa?”, teríamos muitas referências (BERGALA, 2008; FRESQUET *et al.*, 2007; MIGLIORIN, 2015; TEIXEIRA, 2003), a indagação que nos fazemos é ligeiramente distinta, unindo as duas anteriores: “como a música no e para o cinema educa?” Essa questão se coloca como um desafio adicional quando é à Educação Infantil que ela se dirige. Afinal, não temos ainda subsídios ou uma “receita” que norteie nossos olhares e ouvidos ou o que estamos procurando ou esperando, pois nessa etapa escolar, embora haja uma rotina, existe um dinamismo, o lúdico, a criatividade... A criança pequena é uma caixa de surpresas e tudo pode acontecer; a única coisa certa é que contamos com o inesperado para ver as possibilidades da música para o

---

<sup>7</sup> Esse é um dos cineclubes escolares que emergiram do Programa Cinema e Educação, da Prefeitura Municipal de Campinas – <http://educacaoconectada.campinas.sp.gov.br/programa-cinema-educacao/>. É importante dizer que esses cineclubes foram instituídos pelos próprios profissionais da Educação que trabalham nas escolas em que eles acontecem.

<sup>8</sup> Projeto de extensão e pesquisa, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), linha Ensino Público [2018/09258-4], com seis bolsistas/profissionais da educação infantil, entre eles a autora deste artigo. Tendo em vista que as experimentações com música para cinema discutidas neste artigo se inserem no contexto mais amplo da pesquisa realizada nesse Projeto, trazemos para esta nota de rodapé uma parte de seu resumo: “Situado no escopo geral das possibilidades e combates abertos pela lei 13006/14, esse é um projeto de acompanhamento das experiências com o cinema num lugar-escola, nesse caso, o lugar reúne duas escolas públicas de educação infantil situadas na periferia da cidade de Campinas. Essa é uma proposta de pesquisa cartográfica no encontro entre cinema e escola, entre um cinema (tomado como arte) que pretende entrar em devir cineclube e duas escolas que pretendem entrar em devir cinema... e cineclube. [...] é um projeto que busca realizar uma formação continuada de professores que não seja operada via capacitação, mas sim via criação de percursos diversos de (re)inventar-se professor nas proximidades do cinema”.

cinema na escola. Subjacente a essas interrogações, seguimos nos perguntando: “de que maneiras a música faz parte da narrativa cinematográfica?”

Podemos desde já dizer, com sinceridade, que, no início, havia certo medo em nós. Não sabíamos como poderíamos contribuir com tamanha responsabilidade, mas isso fez com que mudássemos nosso olhar e, mais ainda, ajudou-nos a entender a música na escola, o cinema na escola, a criança na escola. Tivemos a chance, assim, de saber que aquilo que, para nós, é especial, enriquecedor, por mais simples que fosse, tem sim seu devido valor. Mesmo assim, ainda precisamos ter muita cautela, pois temos um desejo muito grande de que as cenas dos filmes retratem a importância da música na Educação Infantil: o cuidado, as propostas, o que ajuda no desenvolvimento.

Não gostaríamos, no entanto, que as experiências aqui relatadas fossem vistas apenas como afirmação desse nosso desejo. Nesta primeira partilha pública de nossa experiência, queremos apenas relatar o que se passou em nós — especialmente na educadora-autora —, de forma que a imaginação de quem nos lê, ou de quem se senta na poltrona e assiste a um filme em que os protagonistas não foram ensaiados nem houve a gravação de música em estúdio, veja cenas que dão sentido e vida à escola, tornando-a mais bonita e feliz.

### **Relatos do que pode vir a ser música para cinema na escola de educação infantil**

Para iniciar nossa conversa em torno dessa pergunta, optamos por trazer relatos da educadora-autora, considerando “o enorme potencial que contêm os relatos pedagógicos para nos ensinar a interpretar o mundo escolar do ponto de vista de seus protagonistas” (SUÁREZ, 2017, p. 198 – tradução nossa<sup>9</sup>), preservando, assim, traços de sua autobiografia em meio aos da formação docente, que vem ocorrendo desde sua aproximação com o cinema na escola. Essa opção é uma aposta na potência das narrativas docentes para atuarmos e pensarmos os processos formativos inerentes ao trabalho nas escolas. Daniel Suárez (2017, p. 194) escreve que elas são “narrativas mínimas” que se fazem

com as mesmas palavras, argumentos e estilos que os atores das experiências usam para nomeá-las, ordená-las, dar-lhes sentido e valor. São ditas, ouvidas e escritas no jogo de linguagem da prática e situam-se no espaço e no tempo das escolas e das experiências educativas a que se referem. (tradução nossa<sup>10</sup>).

No que se refere, especificamente, às pesquisas com formação docente nas proximidades com o cinema, descobrimos que “[o]s movimentos para uma educação que observa a estética se dão pelo ouvir, ler e ver histórias: nossa atenção se envolve, combinada pelas inquietudes que trazemos.” (MIORANDO; FORTES DE OLIVEIRA, 2020, p. 7). Essas mesmas autoras nos apontam que, em suas falas e escritos, os docentes expõem “seus gostos e suas opiniões, [...] seus juízos a respeito de convenções e

---

<sup>9</sup> “[...] el enorme potencial que contienen los relatos pedagógicos para enseñarnos a interpretar el mundo escolar desde el punto de vista de sus protagonistas.”

<sup>10</sup> “[...] con las mismas palabras, argumentos y estilos que usan los actores de las experiencias para nombrarlas, ordenarlas, otorgarles sentido y valor. Se dicen, escuchan y escriben en el juego de lenguaje de la práctica, y están situadas en el espacio y el tiempo de las escuelas y de las experiencias educativas a las que refieren.”

códigos, que em seus grupos foram sendo construídos” (MIORANDO; FORTES DE OLIVEIRA, 2020, p. 6), indicando que “[n]os vemos contados pelas histórias que espelham nossas experiências. A mudança está em nós. Em nossas cabeças e em nossos corpos.” (MIORANDO; FORTES DE OLIVEIRA, 2020, p. 13).

Leiamos, pois, os relatos.

**Relato 1 – 20 de setembro de 2019  
A música acontece**

***A música na Educação Infantil acontece com ou sem mediação do adulto. Não importa o momento, não importa o espaço, quando menos esperamos, ela acontece, de forma espontânea e criativa. Ao refletir acerca destes variados momentos em que a música acontece, pensei se poderia ser cinema a gravação de cenas que retratassem essa realidade, bem como se conseguiríamos retratar a importância da música na escola, na vida da criança, em vez de usá-la apenas como distração ou da maneira rotineira.***

***A seguir, descrevo algumas das cenas que me levaram a refletir sobre isso.***

1º

Ao auxiliar uma sala de agrupamento 1<sup>1</sup> durante uma tarde, deparei-me com uma cena maravilhosa: uma menina se olhava no espelho e balbuciava uma música que ela já sabe cantar corretamente. É uma música conhecida entre as crianças, que as professoras gostam de cantar para trabalhar a coordenação motora, a concentração e as partes do corpo. A música diz “cabeça, ombro, joelho e pé, olhos, ouvidos, boca e nariz, cabeça, ombro, joelho e pé”. Incrivelmente essa menina substituiu toda a música pela sílaba “ba”, cantando “ba ba ba ba ba ba ba” no exato ritmo da música. Ocorreu-me, então, que existe uma inteligência musical naquela criança, que nem tem 2 anos de vida ainda e se expressa dessa forma. Vê-la cantando sorrindo, mantendo a mesma sílaba em toda a música, foi sensacional, até porque ela não estava imitando, ninguém fez nada na intenção de a provocar a cantar, simplesmente aconteceu, e ela percebeu que poderia cantar a música inteira com uma sílaba só. Sem palavras!!!

2º

Três crianças estavam dentro de uma casinha de brinquedo. Uma delas inventou uma música, composta por sílabas aleatórias, e a cantava sozinha. Dali a pouco, as três estavam cantando a mesma coisa, parecia até um mantra, e à medida que elas cantavam, elas riam olhando uma para outra, e assim a música aconteceu de maneira lúdica, simples e criativa.

*Ou seja, é uma maneira de compor a música para o cinema.*

3º

Estávamos com nossa turma<sup>12</sup> no tanque de areia, que é um espaço que usamos para levar alguns brinquedos reciclados ou baldinhos com pás para as crianças se divertirem. Ali também as crianças possuem um labirinto, uma grande quantidade de gramado e tubos grandes em que eles podem entrar e brincar.

---

<sup>11</sup> Crianças de 1 ano a 1 ano e 6 meses de idade.

<sup>12</sup> Crianças de 2 anos a 3 anos e 6 meses de idade.

Quando estamos nesse espaço, procuramos não intervir nas ações, pois, ao longo do tempo, percebemos que, por conta de o espaço ser menor, há maior possibilidade de socialização e interação entre os alunos. É como se eles se aproximassem mais uns dos outros. Percebemos isso principalmente com aquelas crianças que gostam de brincar isoladamente, pois lá elas interagem mais.

Como já mencionei, cada grupo de criança escolhe seu brincar. Eles costumam começar no tanque de areia e depois vão se espalhando conforme suas escolhas.

Olhei para o gramado e vi um garoto sentado com o baldinho em seu colo e com a ponta da pá em sua mão; ele ria e batucava, mexendo seu ombro como se estivesse numa roda de música, daquelas que fazemos em casa.

Quando olhei novamente, já havia mais crianças a seu lado fazendo o mesmo gesto que aquele garoto. Eles riam e cantavam tocando, e o mais encantador de tudo, havia ritmo, e eles perceberam que tinha e que as formas que eles tocavam a percussão estavam em harmonia entre eles, o que fez com que eles continuassem ainda mais.

Esse é um cenário para cinema, isso é música para cinema.

4<sup>a</sup>

Já mais tarde nas salas dos bebês, estávamos brincando e ouvindo um DVD. Ao tocar a música “Carnaval das minhocas”, do grupo Palavra Cantada, ouvi que, no refrão da música, quando o grupo cantava e alternava sua fala com um tcha tcha tcha, um garoto que ainda nem tem 2 anos de idade segurava em suas mãos dois brinquedos e batia na cadeira exatamente quando ouvia o tchatchatcha, ou seja, esse bebê, que se encontra na primeira infância, já está se desenvolvendo musicalmente, expressando-se de acordo com o ambiente sonoro que vivenciou.

A partir daí, segue uma série de possibilidades para que possamos refletir em nossas práticas musicais sobre os benefícios às crianças, sobre como também podemos ajudar nessa ampliação de repertório, de ritmos etc.

A música acontece, mesmo sem intencionalidade, intervenção, ela simplesmente acontece de forma espontânea, lúdica, divertida e verdadeira.

\* \* \*

### **Relato 2 – 05 de setembro de 2019**

#### **Nasce uma ideia de música para um filme de sombras<sup>13</sup>**

**Quando penso filme na escola, a primeira ideia que me vem à mente é registro de memórias. Ou seja, é capturar cenas do cotidiano, às vezes, menos valorizadas pelos profissionais da Educação, mas que explicam o que é uma infância feliz na escola. Dessa forma, aprendi, por meio do Cineclube Regente/Cha, a observar mais o meu entorno, as crianças e seus barulhos, os ruídos dos balanços e brinquedos do parque, os pássaros cantando, os cachorros latindo, a música do vendedor de gás cantando etc. O barulho do mundo e o jogo de luzes e sombras das crianças brincando me encantam. E meu objetivo é este: resgatar histórias vivenciadas pelas crianças através desse olhar curioso e escuta atenta. Já gravei algumas cenas de sombras das crianças brincando, e agora produzir o som está sendo um grande desafio.**

Trecho do caderno de campo de Juliana Pereira da Silva Oliveira<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> O filme foi finalizado em novembro de 2019 e está disponível no canal do Cineclube Regente/Cha: [https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5\\_yT2rg](https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5_yT2rg).

*Durante nossa rotina de trabalho, contava para educadora Juliana que, quando levo uma criança para a troca/higienização, quase sempre canto uma “certa” música. A escolha da música para tal momento não foi planejada. Talvez tenha se dado pelo som do ambiente onde são realizadas as trocas, justamente por ser mais silencioso, calmo, contido, talvez por ser um momento de troca de afeto e de cuidado, acaba se tornando nosso momento de estabelecer confiança, amizade com cada criança, afinal, ali elas nos olham diretamente nos olhos. Por estar somente eu e a criança, costumo cantar esta melodia mais suave que é a música “Faz de conta”, composta pelo grupo musical Palavra Cantada. A música começa assim: “Faz de conta que a meia é uma bola, faz de conta que o mato é jardim, eu vou brincar, eu vou brincar, se eu não brincar ninguém brinca por mim”.*

*Ao levar uma de nossas meninas para higienização, não cantei, e durante nosso momento de troca, ela começou a cantar “eu vou brincar, eu vou brincar”. Ri comigo mesma por não ter cantado e me encantei com ela, não só pelo fato de ouvi-la cantando, mas porque senti ali que, de alguma forma, a música ficou na memória dela, fez sentido para ela, que é prazeroso cantar ali, ou seja, que, de alguma forma, faz diferença para a criança.*

*A partir daí pensei em gravar o som de várias crianças cantando, uma de cada vez, a mesma parte da música “eu vou brincar, eu vou brincar”. Penso que o resultado seria de tonalidades e intensidades diferentes, poderia ser também encantador e engraçado, pois a mesma música cantada de maneira singular por cada uma delas nos trazia a simplicidade e a docilidade do seu cantar, da sua maneira de acolher e entender esta música que fala justamente daquilo que neste momento a criança mais faz: o brincar. Esta seria a ideia. Foi então que a Juliana escutou com atenção a vivência relatada e imediatamente associou-a a seu filme de sombras.*

*Nosso passo, naquele momento, era realizar a gravação com as seguintes reflexões:*

- A música neste formato poderia ser música para o cinema?*
- A música conseguirá alcançar este objetivo de narrar as cenas que foram gravadas anteriormente, ou seja, separadamente das cenas?*
- Será que haverá percepção e sensibilização do fato de que, assim como existe o anonimato da imagem de cada criança (pois só vemos a sombra delas), isso também acontece com o som de suas vozes, pois apenas vamos ouvi-las? Ou precisaremos escrever algo no filme que volte o olhar de quem assiste para esta realidade, de que as vozes podem não pertencer aos mesmos personagens das cenas, mas que ambas (vozes e sombras) pertencem à infância retratada no filme?*

\* \* \*

### **Relato 3 – 05 de novembro de 2019**

#### **A ideia de música que deu certo para o filme A magia do brincar**

**Num certo dia fiz a gravação das vozes conforme havia pensado, e o resultado foi incrível. Chamei cada criança, uma a uma, num espaço exterior próximo a nossa sala. Era uma manhã fria**

---

<sup>14</sup> Agente de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó. Possui graduação em Pedagogia e especialização em Administração Escolar. Integrante do Cineclube Regente/Cha desde 2018 e bolsista do Projeto Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfozes mútuas (Fapesp 2019/19378-0). Todas as pessoas citadas leram o artigo e aprovaram a publicização de seu nome.

e com vento. Expliquei que eu ia gravar sua voz, e por isso gostaria de ouvi-la cantar “eu vou brincar, eu vou brincar”, assim como é na música. Foi muito engraçado, porque alguns ficavam muito tímidos, mas faziam questão de cantar. Em uma das gravações ouvimos a criança rir, e na outra ela canta “eu vou brincar” e acrescenta que está frio. Foi muito espontâneo, foi lindo. A singularidade de cada uma foi marcante, cada uma cantando a seu modo, mais fraco ou mais forte (a intensidade que eu havia imaginado), a voz melodicamente mais longa ou mais curta (tímida, insegura ou desinibida e confiante), enfim...

Após essas gravações, pedi para um amigo tocar apenas a introdução da música no piano e gravei as variadas vozes com a música tocada. Ficou melhor do que eu imaginei. Não tenho palavras para descrever a docilidade da música que, por sua vez, quando foi inserida no filme gravado pela Juliana, em que só aparecem as sombras das crianças brincando, ficou mais que encantadora, ficou mágica, por isso a escolha do nome *A magia do brincar*.

Então, respondendo à pergunta que eu mesma fiz, se esse formato de gravação poderia ser música para cinema, sim. Ela trouxe para tela a realidade da beleza do lúdico que vivemos na escola, traduziu de forma muito simples e forte também a sombra de cada brincadeira, o que diretamente responde a minha segunda indagação sobre a música poder narrar a cena.

\* \* \*

#### Relato 4 – 30 de outubro de 2019 Pensando e compondo a música sobre cigarras

Para quem conhece nossa escola, sabe que somos muito privilegiados por termos um enorme parque, muito arborizado e de paisagem extraordinária. Nosso momento predileto, com certeza, é quando estamos no parque por tudo que contemplamos e mais ainda por vermos as crianças aproveitarem cada espaço dele. O parque parece ter um encanto que leva as crianças a explorarem seu imaginário, brincadeiras de lobo, de barco, de pega-pega, castelo de areia, enfim... É um espaço que proporciona a todos nós, sem exceção, momentos ricos de aprendizados e experiências, sem contar com a apreciação das pessoas que passam pela rua e veem as crianças brincando; vemos, no olhar de cada um deles, a felicidade de ver nossos pequenos se divertindo.

Certo dia, as educadoras da escola aproveitaram um momento no parque e filmaram as crianças que estavam alvoroçadas, muito curiosas e alegres com as cigarras, que, naquele dia, saíam do chão e se instalavam nas árvores.

Diante disso, essas filmagens foram entregues a um dos educadores que participa do Cineclubes Regente/Cha, Mauro Guari<sup>15</sup>, que fez a edição, inseriu informações e transformou a filmagem em um filme que, além de lindas imagens que falam por si, acrescenta informações sobre a cigarra. O filme ficou um encanto, e ele decidiu levar adiante para que fosse encaminhado para a Mostra Kino Campinas. Para tanto, foi me solicitado que tentasse fazer uma música sobre a cigarra, como se fosse a trilha sonora para o filme em questão. Sendo assim, o desafio foi aceito. Pensar numa música que contemplasse a vida da cigarra não era tão complicado, o desafio

---

<sup>15</sup> Agente de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Cha II Sun. Possui graduação em Ciências Sociais e especialização em Psicopedagogia Clínica e Educação Infantil. É integrante do Cineclubes Regente/Cha desde 2018 e bolsista do Projeto *Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas* (Fapesp 2019/18197-1).

mesmo foi escrever uma música que tentasse ter a docilidade da criança, sua visão sobre ela, e que tivesse informações fáceis, por meio das quais as crianças que viessem a assistir ao filme pudessem compreender, de uma maneira simples, a vida da cigarra.

Para a composição da música, realizei algumas pesquisas na internet em diferentes sites, e também comecei a prestar mais atenção quando as crianças estavam perto das cigarras no intuito de aproveitar alguma ação, reação ou fala delas sobre os insetos.

Ouvi uma criança dizer que a cigarra estava olhando para ela, o que foi muito engraçado, até porque, ao olharmos de perto, é exatamente essa impressão que nos dá.

Num outro momento, uma criança disse que ela comia formiga, mas eu não sabia falar exatamente sobre sua alimentação. Sem falar no fato de que as crianças ficam megacuriosas em ver os buracos espalhados na terra, e percebo que elas não compreendem quando explicamos que as cigarras saem da terra em forma diferente da que vemos.

É bem comum ver as crianças com as cascas das cigarras (exoesqueleto) dizerem que elas morreram. As crianças acumulam cascas, colocam em seus bolsos e mochilas para levar para casa, ou seja, a cigarra realmente não passa em branco em nossa escola.

Então, tentei, da melhor maneira possível, explicar na música que a cigarra sai da casca após atingir sua forma adulta.

Algumas crianças disseram que as cigarras têm medo das pessoas, e outras acham que elas são amigas, porque, muitas vezes, quando estamos no parque, elas pousam em nós, aí, então, é aquele susto, ou a criança chora e grita de medo, ou acha engraçado. Já vi uma menina colocando a cigarra para andar em seu rosto, porque fazia cócegas.

Eu estava caminhando quando me surgiu a primeira melodia que dizia: “fico guardadinha debaixo da terra, fico esperando o calor chegar para o meu canto começar”. Mostrei a primeira frase para o Mauro, que gostou; a partir daí e das informações que eu tinha, tentei dar forma à música da cigarra.

Um fato curioso sobre o processo de construção da música foi que me lembrei de que, quando era pequena, minha vó dizia que a cigarra cantava para chamar a chuva. Quis muito colocar isso na música, mesmo sabendo que era “só” mito, mas, quando li sobre o canto e entendi que só os machos cantam e que seu canto é para acasalar, achei também muito importante que eu inserisse essa informação sobre o canto na música, pois o canto agudo e incansável é uma característica forte da cigarra. Mas aí entrei num dilema. Pensei em escrever “meu canto é para namorar, zi zi zi za...”, mas fiquei refletindo sobre, pensei em mudar para, em vez da palavra “namorar” usar “alegrar”.

Não estava segura para escrever, afinal, estou compondo para um público infantil. Pois bem, resolvi conversar com minhas colegas de trabalho, e, ao falar com uma professora da escola, ela achou sincero e concordou com a frase, mas, quando falei com outra educadora da escola, ela me respondeu que sinceramente não via necessidade de a criança ter essa informação e que eu poderia substituir sim a palavra namorar por alegrar, pois a ação de acasalar (namorar) também é uma forma de se alegrar. Vi muito sentido nessa última fala, e então decidi escrever “alegrar”. À medida que a escrita acontecia, a harmonia também se fazia presente. Tomou-me um tempo, é pequena, é simples, é meiga, possui acordes simples, mas que combinaram com a letra e com o universo infantil.

Decidi que, no filme, antes da música começar ela seria precedida por uma espécie de conversa inicial, composta por aquelas falas e lembranças que fui tendo acerca do universo cultural e do conjunto de sensações e ideias que envolvem as cigarras.

**Amiga Cigarra**

*Conversa inicial: “Eu vi cigarras no parque, por que será que ela canta assim? Vovó disse que é para chamar chuva. Do que será que ela gosta? Será que ela come minhoca? Eu acho que ela olhou para mim”.*

*Fico guardadinha, debaixo da terra.*

*Fico esperando o calor chegar para o meu canto começar*

*Gosto de comer a seiva, meu pouso é na árvore.*

*E saio da casca quando já estou grandinha.*

*Meu canto é para alegrar, zi, zi, zi zi, za*

*E para quem gosta, sou a amiga cigarra*

*Para ouvi-la basta assistir ao filme Cigarras<sup>16</sup>.*

### **O que nos dizem esses quatro relatos sobre música para cinema?**

Ao narrar suas experiências relativas à música para cinema, a educadora-autora expressa como é o próprio cinema — com suas cenas —, o que lhe dá um primeiro mote para descobrir o que poderia vir a ser música para cinema na Educação Infantil. O primeiro relato nos mostra quatro cenas em que as crianças protagonizam relações inusitadas com a música, indicando serem elas uma excelente matéria-prima para a criação de música para os filmes produzidos na escola. Serão essas relações que as crianças pequenas estabelecem com a música que levarão ao processo de criação musical narrado no segundo e terceiro relatos, um processo que vai da música para o cinema, uma vez que a composição foi realizada a partir de uma música já existente, cantada pelas crianças e pela educadora em seu cotidiano escolar.

No quarto relato, esse processo se faz ao inverso, indo do cinema para a música, uma vez que foi a temática do filme — as cigarras —, e as filmagens já realizadas delas foram o mote para a criação musical. Esta teve em vista a escuta anterior das crianças e a escuta futura que elas fariam ao assistir ao filme.

No conjunto, os relatos apontam que “ao narrar práticas escolares que os tiveram como um de seus protagonistas [os educadores] estarão nos contando parte de suas próprias biografias profissionais e pessoais, e talvez eles também nos confiarão suas perspectivas sobre o que consideram ser o papel da escola.” (SUÁREZ, 2017, p. 195 – tradução nossa<sup>17</sup>). Isso se deve a suas linhas e entrelinhas deixarem claro que o papel da escola de educação infantil é encontrar maneiras diversas de valorizar as crianças, especialmente a partir daquilo que elas mesmas inventam e expressam.

---

<sup>16</sup> Disponível no canal do Cineclube Regente/Cha: <https://www.youtube.com/watch?v=oaYosxOhL6g&t=294s>

<sup>17</sup> “[a]l narrar prácticas escolares que los tuvieron como uno de su protagonistas [um(a) educador(a)] nos estarán contando parte de sus propias biografías profesionales y personales, y quizás también nos confíen sus perspectivas acerca de lo que consideran es el papel de la escuela.”

No entanto, retomamos aqui as palavras da epígrafe, “a gente não sabe o que tá fazendo; é tudo muito feito assim: o aprender a fazer fazendo”, para lembrar que, em nossa experiência na escola, mesmo quando planejamos uma música para um filme, isso se faz em cima de uma experiência que não tínhamos realizado ainda. Tudo é especialmente novo quando a música é pensada para compor com imagens já existentes. O inverso já nos era bastante comum, pensar imagens para se encaixarem em uma canção conhecida.

Normalmente, as imagens eram pensadas para ilustrar o que a música diz. Mas, em nossa experiência com o cinema no *Cineclube Regente/Cha*, temos buscado evitar que um signo do cinema — som ou imagem — apenas ilustre o outro, o que queremos é realizar composições entre eles que nos levem a experimentar esses signos em suas múltiplas e infinitas conexões. Isso é o que fez com que a composição sonora para o filme *A magia de brincar* (2019) tocasse no tema geral da brincadeira, mas não buscasse se referir às sombras brincantes nem se relacionar às crianças que brincam com aquelas que cantam.

Em outras palavras, temos buscado escapar de caminhos mais didáticos — que se utilizam muito da ilustração da palavra pelas imagens — e experimentar caminhos mais próximos da arte, nos quais a ilustração também ocorre, mas no meio de composições em que também há tensões, disjunções e oposições entre o que se vê e o que se ouve, produzindo tanto sincronias quanto assincronias de sentidos e sem sentidos entre imagens e sons. Nessa perspectiva, buscamos escapar da habitual maneira como a música aparece nos filmes produzidos nas escolas: o simples acoplamento de uma música já existente como trilha sonora para ouvir enquanto assistimos a uma sequência de cenas e/ou fotos. Nesse tipo de utilização da música, ela é “apenas” uma “trilha temporal” que dá continuidade à passagem das cenas e, ao mesmo tempo, um “trilho afetivo” que direciona os sentidos que se deseja produzir naqueles e naquelas que se entretêm com o filme, não havendo efetiva conexão entre a criação da música e a criação das imagens vistas.

Quando assistimos a um filme comercial e ouvimos aquelas músicas lindíssimas que ficam em nossa memória, não fazemos ideia de como foi escolhida ou composta, enfim de como ela veio a compor com o filme. No cinema comercial, em geral, a música está a serviço do filme, é criada em estreita conexão com as imagens. Ennio Morricone, famoso criador de trilhas sonoras, nos ensina que compor para cinema é trabalhar para uma obra de outro autor, que é o diretor, conforme cita Tony Berchmans (2012) no livro *A música do filme*.

A música para esse tipo de cinema é planejada, pensada conforme a pretensão do filme. Já a música para o cinema na escola, às vezes, poderá ser assim outras vezes não, justamente porque também as cenas não são planejadas, ensaiadas. Usamos as cenas das experiências que vivenciamos como educadores e, mesmo naquelas em que tivemos a pretensão de planejar, ainda assim, a música não será pensada para um diretor, mas para

dar sentido às experiências de infância transformadas em filme, o que podemos evidenciar no relato sobre a criação da música para os filmes *Cigarras* (2019) e *A magia do brincar* (2019).

No primeiro, a música viria “apenas” para finalizar o filme, proporcionando parcelas dos sentidos que vemos em suas imagens e sons, somadas a algumas histórias e falas que não foram filmadas e que, portanto, não poderiam compor o filme em suas imagens e sons diretos. Já a música para o filme *A magia de brincar* veio a compor o filme inteiro, narrando-o, penetrando os vãos e os sentidos das próprias imagens que vemos ao longo dele.

Se é verdadeiro que, em ambos, a música foi composta posteriormente às imagens, no *Cigarras*, a música foi composta para aquele filme, uma criação original, enquanto no *A magia de brincar* a música já existia antes e foi a forma como ela viria a aparecer no filme, apenas seu refrão cantado por inúmeras crianças, que foi produzido a partir das imagens das sombras brincantes. Além disso, se em *Cigarras* o tema foi articulador da letra da canção, no outro, o tema do brincar veio depois, pois, até então, a temática do filme eram as sombras.

Em *A magia de brincar*, as imagens fizeram com que a música não permanecesse a mesma para poder compor com elas. Ao ver as cenas, surgiu a ideia da música com o som das vozes das crianças cantando individualmente; para tanto, foi feito um planejamento de gravação, pois elas seriam gravadas sem o acompanhamento do piano. A criação da música para esse filme tornou-se uma experiência para as próprias crianças lidarem com a música como algo a ser gravado, bem como com a situação da gravação, do microfone a sua frente e da consciência de que sua voz seria reproduzida mais adiante, em um filme, para todos ouvirem. Tornou-se também uma experiência para a educadora-autora, uma experiência simultânea de produção de música coletiva e de música para cinema.

Somente depois de terem vivido essas experiências, é que reunimos todas as gravações individuais junto com os sons realizados no piano, gravando, então, um único conjunto de sons tornado música para o filme, uma trilha sonora realizada em sintonia com o que entendemos ser o papel da escola de Educação Infantil: valorizar as crianças. Na verdade, os relatos não fazem jus a tudo o que se passou, pois o processo foi bastante incerto e difícil. Havia uma grande responsabilidade, já que se tratava de uma música pré-existente e, em nosso entender, deveríamos fazer a música para o filme usando os mesmos indicadores que a música nos dava, a maciez, a suavidade, a lentidão. Ou seja, não poderíamos produzir nada explosivo, grave, pesado, rápido. Alcançar isso fez com que, ao final, tivéssemos uma experiência gratificante, permitindo ver e ouvir belezas na combinação que as imagens tiveram com a música, a qual proporcionou ao filme os mesmos sentidos que a música original tem.

Vemos que, em nossos filmes, também existe a decupagem conforme ocorre no cinema comercial. Nossa decupagem resume-se ao processo no qual se define em que

contextos haverá música ou não no filme e, quando houver, qual será o papel da música (e dos demais sons) para aquela cena. No filme *Cigarras*, por exemplo, isso fica bem exemplificado. Nele, ouvimos o diálogo das crianças com as educadoras, o silêncio, o canto das cigarras, o som externo do parque, que é o ambiente onde as cenas foram filmadas, a entrevista com as crianças e, ao final, a música original feita para o filme. Aqui adentramos no mesmo universo do compositor de música para os filmes, pois, assim como ele, procuramos entender a “alma do filme” — o que o diretor tratava e o que ele pretendia — antes que a música fosse composta para intensificá-la.

Tocar as pessoas é o objetivo da música no cinema. Em grande medida, isso produz certo direcionamento das emoções: alegria, tristeza, raiva, medo, dúvida, decepção, por exemplo, são sentimentos que vem à tona quando a música na cena consegue ajudar a narrativa, os personagens e os diálogos a despertarem em nós tais reações. Diante disso, perguntamo-nos: a função da música no cinema na escola de Educação Infantil pode ser a mesma que no cinema comercial, já que a criança, por si só, já nos sensibiliza, já nos afeta?

Quando vemos uma cena com crianças é comum vermos, já no início dela, a inclinação de um sorriso nos rostos das pessoas. Então, parece-nos que a música para o cinema na escola infantil deve ir além de tocar as pessoas. Ela deve fazer com que o espectador encontre seu devir-criança, expondo-se às cenas sem exigir delas algum sentido para se amparar, experimentando sensações e conexões diversas, como o fazem as crianças em suas brincadeiras, sempre uma surpresa.

Mas, e para nós, produtores iniciantes da música para filmes criados na Educação Infantil, que estamos nesse caminhar da descoberta sobre a música para cinema na escola, podemos simplesmente dizer que o objetivo seja igual, provocar surpresa? Ou podemos dar um acréscimo a esse objetivo já afirmando que a música não somente toca, mas também transforma o olhar sobre as cenas, sobre os filmes produzidos na escola? Isso nos parece ter ocorrido no filme *A magia de brincar* ao intensificar as sensações de anonimato individual ao mesmo tempo que reafirmam a identidade da infância por meio do brincar. Mas pode ser que isso só pareça a nós, iniciantes ávidos de dar seguimento a nossos aprendizados éticos e estéticos associados ao encontro entre cinema e escola, especialmente aqueles que tomam a música como um legítimo problema cinematográfico, afinal “[c]ada um desenvolve sua própria intuição na configuração do seu cinema pessoal, sendo que essa sensibilidade amplia[-se] ao seu próprio modo e tempo, numa esfera intuitiva, pessoal, subjetiva e intransferível.” (FARENZENA et al., 2014, p. 8).

## Considerações finais: o aprender fazendo a docência e a música para cinema

A escrita deste texto, com a conseqüente retomada dos relatos presentes no caderno de campo da educadora-autora, colocou-nos diante de um certo tipo de distanciamento das experiências aqui relatadas.

Na medida em que conseguem se distanciar de sua prática para torná-la objeto de pensamento e discurso, para torná-la matéria de escrita, leitura e interpretação pedagógica, na medida em que possam documentar alguns de seus aspectos “não documentados” ou invisibilizados, os professores narradores percebem o que sabem, o que não sabem, o que não podem nomear e o que podem fazer. (SUÁREZ, 2017, p. 199 – tradução nossa<sup>18</sup>)

Exatamente como nos aponta Suárez (2017), demo-nos conta do que “aprendemos fazendo” e do que gostaríamos de saber para fazer de outras maneiras. Descobrimos, por exemplo, nossa falta de linguagem para dizer de certas experiências e certos signos musicais e sonoros do cinema. Essas ausências de palavras e saberes nos levaram a outros contatos<sup>19</sup> e a novos estudos, como o livro *O som do filme* (CARREIRO, 2018). Para que a experiência fosse mais intensa, foi preciso desvincularmo-nos do que estávamos “acostumados a fazer, a ouvir ou a pensar, pois a experimentação estética acontece quando nos deparamos com o que não se conhece, com o que surpreende, com o inédito, com o que suscita outro tipo de resposta, o que inquieta.” (FARENZENA et al., 2014, p. 7)

Além disso, podemos dizer que, “a partir da experiência formativa desenvolvida [...], [a/o educador(a)] não só pensa sobre como trabalhar com cinema, mas começa a vê-lo como dispositivo para a ressignificação de sua formação docente.” (FARENZENA et al., 2014, p. 14). No processo de educação continuada vivido na própria escola, nas proximidades do cinema, podemos reiterar o que Valeska Fortes de Oliveira (2017, p. 104) aponta sobre a presença do cinema na formação inicial:

a produção audiovisual na formação inicial de professores é, ainda aprendizagem do trabalho em equipe. Da aprendizagem grupal e da divisão de tarefas. É o exercício da pesquisa, da observação e da escuta [...] [e] proporciona a ampliação do conceito de formação, ampliando-o como formação ética-estética e política.

Essa formação está apenas se iniciando, fazendo com que, por exemplo, o que vem a ser arte passe a ser uma questão e uma busca. É desse lugar de aprendizado que

---

<sup>18</sup> “En la medida en que consiguen distanciarse de su práctica para tornarla objeto de pensamiento y discurso, para hacerla material de escritura, lectura e interpretación pedagógica, en la medida en que pueden documentar algunos de sus aspectos “no documentados” o invisibilizados, los docentes narradores se dan cuenta de lo que saben, de lo que no conocen, de lo que no pueden nombrar y de lo que pueden hacer.”

<sup>19</sup> A educadora-autora iniciou uma troca de cartas, via e-mail, com o músico e estudioso de cinema e trilhas musicais, Almiro Dottori Neto (Miro), na qual expõe suas experiências e elenca suas dúvidas, o que faz emergir nomeações específicas e sugestões de leituras em meio a muito afeto, tendo em vista, inclusive, que Miro foi responsável, em 2018, pelo projeto e instalação da nova sonorização da sala de cinema do *Cineclube Regente/Cha*.

entendemos estar fazendo arte na medida mesma que produzimos nossa música para cinema, a partir daquilo que emerge em nossas próprias experiências na escola de Educação Infantil. Segundo Houdin (apud MARTIN, 2005), existe arte desde que haja criação original (mesmo instintiva) a partir de elementos primários não específicos.

Ao refletir sobre essa frase, pensamos que a música para o cinema na escola de Educação Infantil busca seu próprio formato na matéria-prima constituída pela própria criança, justamente porque quem dá forma a essa música é a criança, seja como produtora, seja como ouvinte-espectadora. Podemos até dizer que, embora o diretor faça o filme conforme sua intenção, tenha um roteiro e um planejamento, não estamos falando de atores que ensaiam, que estudam para uma atuação, mas sim da reprodução, na tela, do real da infância filmada em tempo real, na forma original daquilo que as crianças realizam.

Logo, podemos dizer que quem conduz a narrativa dos filmes gravados na escola é a criança e não os adultos, não um diretor, mas o devir-criança desse diretor-adulto ou mesmo o devir-criança do cinema. “Ao contrário da afirmação ingênua da inocência, o devir-criança é uma arma de luta, possibilidade de pensar e agir de outros modos, fora dos modelos impostos pelos adultos”, como assinala Gallo (2015, p. 14). Esse autor se ampara em René Shérer para fazer sua defesa da potência desse conceito para outro tipo de Educação.

O devir-criança instala-se, instala-nos no distanciamento: distanciamento absoluto em relação a qualquer forma de devir-adulto, do devir familiar para o qual ela se limita a ser um único período da infância, evolutivo, aquele que conduz à idade adulta; e um único destino final, aquele que o transforma em sujeito, que lhe serve de “estrutura”. Pensar o devir criança, pensar a infância a partir dele, em sua esfera, é rejeitar o acervo de ideias, os pesados grilhões e disfarces impostos à infância pela tradição pedagógica e psicológica, bem como pelo universo psicanalítico com seus estágios, suas transferências, suas castrações, sua subordinação da infância a uma significação única, à verticalidade de uma única ereção. [...] Deleuze garante, também, o devir-criança contra a ideia do retorno a uma infância que seria inocência. O devir, ao contrário, é a escapada, a linha de fuga da infância: não num sonho que seria apenas o substituto, a compensação das frustrações do real – que, pedagogicamente, conviria fazer com que ele retornasse –, mas num distanciamento que lhe permita forjar as armas para a luta. “Máquina de guerra” contra os adultos, estratégia. (SCHÉRER apud GALLO, 2015, p. 14)

Ambos, adulto e cinema, atravessados pelo devir-criança, são “encantados” pela musicalidade das crianças pequenas e seria sob esse “encantamento musical” que os filmes viriam a tornar-se existentes em sua potência de arte cinematográfica produzida na escola de Educação Infantil. Por isso, entendemos que a música para esse tipo de cinema poderia ser (e tem sido) diferente, uma vez que, como já foi dito anteriormente, não faz sentido fazermos uso de muitas músicas existentes para nossos filmes na escola, porque isso não se encaixa na realidade dos momentos vividos pelos alunos na escola.

Pensando na música para um filme de criação individual e coletiva na escola, algumas perguntas nos chegam como importantes de serem consideradas na busca de

incorporar as muitas experiências musicais que já vivenciamos no ambiente escolar: de que forma podemos aproveitar as músicas que as crianças nos trazem? E as músicas que levamos às crianças para ampliação de repertório, para apreciação, para jogos, para o brincar, para o aprender? E as músicas que compomos com as crianças durante um momento de criatividade e inspiração? Ou músicas que fazemos para um projeto com eles, com conhecimentos e falas das próprias crianças? Essas músicas não seriam as que mais se aproximam de música para o cinema na escola de Educação Infantil por se aproximarem das experiências vividas ali?

Não vemos problema algum em usar músicas existentes desde que possamos sentir as invenções e expressões de nossas crianças nessas músicas. Nesse caso, qual seria a melhor maneira de levar essas “músicas prontas” para o cinema se a música não for reproduzida — tocada, cantada, balbuciada — pelas crianças?

Por exemplo, as crianças, no geral, adoram a aventura congelante de *Frozen* (2013), um filme muito pedido por elas. Percebemos que elas acompanham as falas, os gestos, as expressões, as canções. Para esse, filme foi criada uma música original (score) — e uma versão em português do Brasil —, que marcou as crianças de modo que as ouvimos cantando constantemente nos espaços distintos da escola: “livre sou, livre sou”. Convidamos o leitor e a leitora a brincar com a imaginação: estão à disposição várias fantasias de personagens, uma criança se veste como Elza (a protagonista do filme) e começa a cantarolar e fazer todos aqueles gestos fofíssimos que são realizados no filme. Imaginou? E se estivermos filmando, estaríamos fazendo uma releitura do filme, é bem verdade, mas, agora, no formato da criança na escola, da forma que ela vê, que ela percebe. Estaríamos testemunhando aquilo que a afetou por meio da forma que ela reproduz as cenas do jeito dela, da maneira que ela inventa e se expressa.

O que queremos dizer é que, embora pareça não haver originalidade por se tratar de um filme já visto no cinema, ele será outro, diferente, porque a originalidade se dá na forma como a criança vê a vida e se coloca diante dela, deixando seu corpo expressar em gestos e ritmos, em músicas e sorrisos, as sensações que o filme lhe deixou. A criança reproduz ações, posturas, fatos de casa, da escola, de filmes em suas brincadeiras e em seu imaginário. O cinema na escola pode captar todas essas expressões, nas quais as músicas estão muito presentes.

Outras perguntas não param de surgir. Em todo filme haverá música? Quando houver, a música estará presente no filme todo? Quando vamos alternar as músicas, os sons, as vozes, o silêncio?

Isso tudo é muito relativo, pois vai depender muito do que as imagens vão dizer por si. Nesse sentido, faremos, como nos grandes filmes, toda a análise de cenas para determinar quais necessitam da música e qual será o papel dela em cada cena. Afinal, a música é parte importante da narrativa cinematográfica, assim como da narrativa de cada um(a) de nós, educadoras e educadores.

Nos quatro relatos apresentados neste texto, de como a música acontece na escola de Educação Infantil, notamos que os momentos em que a criatividade e a espontaneidade estiveram presentes revelam que as cenas podem até se repetir com outras crianças, em outros espaços, pois nunca seriam iguais. Haveria sempre uma singularidade em cada repetição, apontando para o fato de que nada deve ser descartado e tudo pode ser aproveitado. Sendo assim, cenas como essas já não podem mais ser vistas e ignoradas, pois nelas estão retratados aprendizados que nos apontam como a música educa e como o cinema educa na escola.

Podemos acompanhar nos relatos que os aprendizados vão ocorrendo à medida que as experimentações com música e cinema se estabelecem no cotidiano da escola. Cabe notar a importância da presença de uma educadora<sup>20</sup> com prática na produção e composição musical, indicando o quanto uma profissional com essas características amplia as condições da escola de experimentar a metodologia aqui proposta. Mas, a nosso ver, cabe notar especialmente o quanto essas vivências no cinema são coletivas, uma vez que a maioria delas nasceu de trabalhos que ocorriam com outros profissionais da escola, os quais notaram potencialidades de experiências musicais para seus filmes, ainda que atravessadas pelo desejo de tornar cinema algumas das práticas com música que já ocorriam na escola e pelos acasos que, aproveitando-se do encontro entre música e cinema nessas escolas, agenciaram-no para ampliar a potência daquilo que era vivido num vir a ser filme.

Enfim, em suas múltiplas e infinitas combinações com o cinema, e na impossibilidade de prever ou planejar quando e onde alguma combinação ocorrerá, só nos resta dizer que a música para cinema na escola de educação infantil é como a vida das crianças. Simplesmente acontece.

## **Referências**

A MAGIA DO BRINCAR. Campinas: CEI Regente Feijó e CEI Cha IL Sun, 2019. 1 vídeo (2 min.). Direção: Juliana Oliveira. Brasil, 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5\\_yT2rg](https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5_yT2rg). Acesso em: 27 maio 2020.

BERCHMANS, Tony. **A música do filme**: tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

BERGALA, Alain. A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Book-link/CINEAD-LISE-FE-UFRJ, 2008.

CAMPINAS. **Caderno Curricular Temático** - Arte, música e educação: tudo é coisa musical... (versão preliminar I). Campinas: Prefeitura Municipal: Educação Conectada, 2016. Disponível

---

<sup>20</sup> A autora deste artigo construiu sua experiência com a música no decorrer da vida, cantando em casamentos e em grupos de igreja, desenvolvendo interesse e gosto por música e pelo conhecimento de instrumentos.

em: <https://drive.google.com/file/d/oB4lCfVuMNqnsMhlabnoxMWdVaoo/view>. Acesso em: 08 maio 2021.

CARNAVAL DAS MINHOCAS. Intérprete: Palavra Cantada. Composição: Palavra Cantada. In: CARNAVAL PALAVRA CANTADA. Intérprete: Palavra Cantada. Rio de Janeiro: [S. n.], 2009. 1 CD, faixa 9.

CARREIRO, Rodrigo (org.). **O som do filme**: uma introdução. Curitiba: Ed. UFPR: Ed. UFPE, 2018.

CIGARRAS Campinas: CEI Regente Feijó e CEI Cha IL Sun, 2019. 1 vídeo (7min22s). Direção Mauro Guari. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oaYosxOhL6g&t=294s>. Acesso em: 27 maio 2020.

ENREDOS DE VIDA, telas da docência: os professores e o cinema. [S. l.]: UESB, 2015. 1 vídeo (18min06s). Direção: Macelle Khouri e Rogério Luiz Oliveira. Disponível em: <https://vimeo.com/170103845>. Acesso em: 8 maio 2021.

FARENZENA, Marilene Leal *et al.* Cinema e educação: experiências estéticas de formação mediadas pela sétima arte. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (REGIONAL SUL), 10., 2014, Florianópolis. **Anais [...]** Rio de Janeiro: ANPED, 2014. p. 1-15. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1246-o.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1246-o.pdf) Acesso em: 9 maio 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

FAZ DE CONTA. Intérprete: Palavra Cantada. Composição: Palavra Cantada. In: BRINCADEIRAS MUSICAIS. Intérprete: Palavra Cantada. Rio de Janeiro: [S. n.], 2008. 1 CD.

FRESQUET, Adriana *et al.* (org.). *Imagens do desaprender. Uma experiência de aprender com o cinema.* Rio de Janeiro: Book-link/CINEAD-LISE-FE-UFRJ, 2007.

FORTES DE OLIVEIRA, Valeska. Isso aqui está virando brasil... Cinema e produções audiovisuais no espaço da formação de professores. **Revista Digital do LAV.**, Santa Maria, v. 10, n. 2, p. 92-106, maio/ago. 2017

FROZEN. Direção: Jennifer Lee e Chris Buck. Burbank: Walt Disney, 2013. 1 DVD (1h42min).

GALLO, Silvio. René Schérer e a Filosofia da Educação: Aproximações. In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 37., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPED, 2015. p. 1-17. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt17-3575.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2020.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá.* Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

MIORANDO, Tania; FORTES DE OLIVEIRA, Valeska. A Experiência Estética na Formação de Professores. Saberes y prácticas: Revista de Filosofía y Educación, Mendoza, v. 5, n. 2, p. 1-15, 2020.

SUÁREZ, Daniel H. Relatar la experiencia docente. La documentación narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 50, p. 193-209, jul./set. 2017.

**-Revista de Iniciação à Docência, v.6, n.2, 2021–  
Publicação: dezembro, 2021 - ISSN 2525-4332**

TEIXEIRA, Inês. A escola vai ao cinema. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\*\*\*

Recebido: 26.08.2021

Aprovado: 01.12.2021